

 <https://doi.org/10.20336/rbs.1127>



Por que precisamos de uma história não eurocêntrica da sociologia: réplica a Carlos Sell

Why we need a non-eurocentric history of sociology: A reply to Carlos Sell

Por qué necesitamos una historia de la sociología no eurocéntrica: una respuesta a Carlos Sell

João Marcelo Ehlert Maia* 

RESUMO

Neste artigo, o autor repassa os argumentos e propostas apresentados por Carlos Sell em “*A destruição dos clássicos da sociologia: democratização ou homogeneização?*”, publicado neste volume da RBS, problematizando-os e oferecendo outras perspectivas e soluções. O autor argumenta que uma história não-eurocêntrica da sociologia é a melhor estratégia para construir uma sociologia global que reconheça a diversidade do social.

Palavras-chave: teoria sociológica, eurocentrismo, clássicos da sociologia, sociologia pós-colonial, história não eurocêntrica da sociologia.

* Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ, Brazil.
Doutor em Sociologia (IUPERJ), professor associado da FGV CPDOC (Escola de Ciências Sociais).

ABSTRACT

In this article, the author reviews the arguments and proposals presented by Carlos Sell in “The destruction of the classics of Sociology: Democratization or homogenization?” in this volume of RBS, critically analyzing them and offering other perspectives and solutions. The author argues that a non-Eurocentric history of sociology is the best strategy to build a global sociology that recognizes the diversity of the social world.

Keywords: sociological theory, Eurocentrism, classics of sociology, postcolonial sociology, non-Eurocentric history of sociology.

RESUMEN

En este artículo, el autor revisa los argumentos y propuestas presentados por Carlos Sell en “La destrucción de los clásicos de la sociología: ¿democratización u homogeneización?”, publicado en este volumen de RBS, haciendo un análisis crítico de ellos y ofreciendo otras perspectivas y soluciones. El autor sostiene que una historia no eurocéntrica de la sociología es la mejor estrategia para construir una sociología global que reconozca la diversidad de lo social.

Palabras clave: teoría sociológica, eurocentrismo, clásicos de la sociología, sociología poscolonial, historia no eurocéntrica de la sociología.

Em seu vol.13, a *Revista Brasileira de Sociologia* publicou um instigante artigo de Carlos Sell intitulado “*A destruição dos clássicos da sociologia: democratização ou homogeneização?*” (Sell, 2025). Nele, Sell traça um panorama das críticas contemporâneas ao que se entende ser o “cânone da sociologia”, identifica os principais problemas analíticos de tais críticas – que poderiam ser resumidas na hipótese da formação de uma nova ortodoxia pós-colonial que produziria homogeneidade teórica – e propõe alternativas para o problema, resumidas na ideia de uma nova “sistemática sociológica”.

O artigo parte da conhecida distinção mertoniana entre história e sistemática para analisar três tendências críticas que, segundo o autor, representariam, no caso brasileiro, o ataque aos clássicos mencionado no título do artigo. A primeira dessas tendências seria exemplificada pelo projeto de uma nova sociologia antiutilitarista defendida por Alain Caillé e Frédéric Vandenberghe (2021); a segunda, que subsumiria o debate teórico sistemático numa discussão historicista, seria ilustrada pela minha produção sobre história da sociologia (*cf.* Maia, 2017a); finalmente, a terceira tendência seria sintetizada no artigo de Hamlin, Weiss e Britto (2022), que preconiza uma “sociologia polifônica” que teria como objetivo a reconstrução do cânone da disciplina a partir da recuperação de vozes apagadas na história, particularmente de vozes femininas.

Segundo Sell, cada uma dessas tendências incorreria em algum problema significativo no modo como articula a dimensão histórica da sociologia à sua orientação sistemática. Assim, o projeto de Caillé e Vandenberghe é visto como excessivamente sistematizante, pois baseado na eleição de um autor “clássico” paradigmático (no caso, Marcel Mauss) como campo epistêmico comum para a produção de repertórios analíticos contemporâneos, o que terminaria por desconsiderar a pluralidade de teorias e perspectivas informadas pelas tradições clássicas. Os meus trabalhos sobre história da sociologia, por sua vez, são tomados como sintomáticos de um problema oposto, qual seja, o da redução da teoria a uma discussão histórica que não forneceria bases para uma sistematização necessária. Finalmente, o artigo de Hamlin, Weiss e Britto exemplificaria a mais promissora dentre as tendências críticas analisadas, por não eliminar a pluralidade dos clássicos, mas pecaria por transformar uma narrativa histórica crítica ao Eurocentrismo e ao androcentrismo em um critério político-normativo único para a construção teórica.

Embora o título do artigo pareça sugerir que Sell vá sustentar uma defesa da tradição clássica, não é exatamente esta a posição do autor, que está mais preocupado com os efeitos produzidos pelas críticas no debate teórico atual. Assim, Sell argumenta que uma das principais consequências do “ataque aos clássicos” seria a construção de uma suposta nova ortodoxia teórica, que estaria lastreada não em critérios compreensivos, mas em uma espécie de *doxa* pós-colonial homogeneizante. No registro do autor, “[...] tais discursos se orientam por uma visão unidimensional da história da sociologia que, enquanto sistemática latente, acaba por canonizar, na esteira da desconstrução à *la* Derrida, dicotomias normativas essencializadas [...]” (Sell, 2025, p. 13).

A solução, portanto, seria “[...] localizar um conjunto de questões e problemas fundamentais, de nível teórico, em torno das quais uma discussão teórico-sistemática, com diferentes visões, possa ser organizada” (p. 17). Essa nova sociologia sistemática poderia, inclusive, incorporar a crítica pós-colonial, mas dentro de um espaço cosmopolita de discussão que evitaria a homogeneização paradigmática e englobaria “[...] a diversidade do social em termos históricos, culturais, geopolíticos, epistemológicos e assim por diante” (p. 19).

É difícil discordar da conclusão proposta por Sell. Arrisco-me a dizer que “englobar a diversidade do social” em diferentes dimensões é exatamente o que motiva, por exemplo, Raewyn Connell (2007) no seu livro clássico sobre as teorias do Sul global. Na perspectiva dessa autora, que escreveu em diversas ocasiões sobre o risco de uma sociologia “mosaico”, composta de pedaços isolados de tradições intelectuais alternativas, seria justamente o Eurocentrismo que impediria a realização desse projeto de uma nova sociologia sistemática.

Mas, embora partilhe com Sell algumas preocupações, dentre as quais o cenário excessivamente fragmentado da discussão teórica e a dificuldade em articular as críticas pós-coloniais à teoria sociológica propriamente dita, creio que o caminho percorrido pelo autor para a sustentação desse projeto tem alguns problemas, alguns dos quais me motivaram a escrever esta réplica.

Uma primeira questão diz respeito ao diagnóstico do problema, sintetizado em expressões como “consenso ortodoxo”, “homogeneização teórica” e “história unidimensional”. Embora a chamada crítica pós-colonial e suas

derivações e ressonâncias ocupem hoje um lugar de destaque no debate intelectual em diferentes partes do mundo, Sell não apresenta propriamente evidências empíricas de que tais projetos tenham se tornado dominantes, nem de que tenham produzido os efeitos que alega existirem.

Antes que alguém possa argumentar que tal demonstração seria impossível, um historiador da sociologia ou praticante da sociologia do conhecimento identificaria alguns procedimentos metodológicos básicos, tais como: a) uma análise comparativa de programas e ementas de disciplinas de introdução à sociologia em diferentes instituições; b) uma investigação (por amostra, que seja) dos temas dos artigos dedicados à teoria social nos principais periódicos científicos da disciplina; c) um estudo focado em *handbooks* e livros-textos, publicados hoje às dezenas por editoras prestigiosas como Routledge, Springer etc. Mas, como Sell não opta por nenhum desses procedimentos, o leitor do artigo é convidado a aceitar a premissa da argumentação, mesmo que esta não seja propriamente demonstrada.

Na verdade, as evidências disponíveis apontam para um cenário oposto. Um estudo quantitativo de Philipp Korom (2020) com manuais, livros textos, enciclopédias e periódicos demonstrou que a chamada “elite da sociologia” ao longo do século XX foi formada esmagadoramente por nomes europeus e norte-americanos. Segundo Korom, entre 1970 e 2010, os principais nomes que emergem como os mais citados são Bourdieu, Giddens, Castells, Foucault, Goffman e Tilly, que se juntam a outras presenças regulares como Weber e Durkheim. Há tendências que apontam para outra direção, em especial no caso norte-americano, no qual DuBois parece ter entrado definitivamente no cânone sociológico nos anos que se seguiram ao movimento Black Lives Matter (Melcher, 2024), mas os dados não permitem atestar um “novo consenso ortodoxo” na sociologia em geral.

Em pesquisa que realizei sobre o tema, contemplando uma amostra reduzida de programas de disciplinas introdutórias à sociologia em instituições brasileiras, os “clássicos” europeus continuavam firmes e fortes como eixos organizadoras da disciplina (Maia, 2017b). Estudos ancorados na cientometria revelam que o autor mais central nas ciências sociais brasileiras ainda é Pierre Bourdieu (Campos & Szwaco, 2020; Brasil Junior & Carvalho, 2020).

Mesmo que aceitemos a premissa – o chamado pós-colonial como nova ortodoxia –, teríamos que averiguar se tal hegemonia produz os alegados efeitos, dentre os quais Sell destaca a homogeneidade teórica. Temos aqui

não apenas outra afirmação de difícil comprovação, mas também uma hipótese que esbarra na significativa pluralidade existente no próprio campo pós-colonial a respeito da natureza de seu empreendimento.

Tomemos, por exemplo, o caso das chamadas “sociologias do Sul global”, projeto teórico amplo que buscou integrar uma crítica ao Eurocentrismo nas ciências sociais com uma busca ativa por novas formas de conceituação teórica que partissem das experiências sociais do “Sul global” (Ballestrin, 2013). Os principais intelectuais inicialmente associados a tal empreitada – além de Connell, pode-se citar Boaventura Santos e o casal Comaroff – não lograram nem mesmo produzir uma definição estável e coerente do que seria uma “sociologia do Sul” (Rosa, 2014), embora certamente tenham deixado pistas que hoje têm sido seguidas em estudos que procuram discutir uma nova ontologia do mundo social (Rosa, 2022).

A própria definição a respeito de qual direção uma sociologia pós-colonial deveria tomar é controversa, como se pode observar a partir de um olhar mais detalhado da produção dos autores citados por Sell. Em um dos seus textos mais conhecidos, Julian Go argumenta que a melhor alternativa à sociologia eurocêntrica não seria um programa que produzisse novos conceitos a partir da simples tradução das experiências sociais do Sul global (programa que ele classifica como *indigenizing sociology*), mas sim uma estratégia relacional capaz de revelar os entrelaçamentos que constituíram metrópoles e colônias de forma conjunta (Go, 2013). É uma perspectiva similar àquela trabalhada por Gurminder Bhambra a partir da tese das “histórias conectadas” (Bhambra, 2014), mas não necessariamente a mesma defendida por Farid Alatas, que mais recentemente sustentou a ideia de que a crítica ao Eurocentrismo é insuficiente, pois muitas das tendências hegemônicas que sufocam o pensamento autônomo no Sudeste asiático precedem a colonização europeia da região e seriam, na verdade, autóctones (Alatas, 2022). Assim, o projeto de “conhecimento autônomo” sustentado por Alatas não tem as mesmas implicações que a ideia de uma sociologia “pós-colonial” tal como defendida por Go, embora ambos façam parte de um campo comum de debates.

O problema do diagnóstico estende-se também ao terreno brasileiro, que é sintetizado, de forma muito reducionista, em três tendências. Não gostaria de me concentrar tanto nessa dimensão do texto, pois o próprio Sell reconhece que não empreendeu um levantamento bibliográfico exaustivo ou

uma pesquisa que faça jus à diversidade desse campo, mas acho fundamental apontar que uma caracterização mais precisa do adversário revela um campo mais diverso e fragmentado do que o traçado por Sell, o que implica mais um desafio à tese da homogeneização teórica.

Seria impossível fazer justiça a toda essa diversidade, mas eu destacaria: iniciativas que articulam a crítica decolonial aos estudos sobre raça e racismo (Bernardino-Costa & Grosfoguel, 2016), teorizações que mobilizam debates filosóficos sobre sujeito e racialização para questionar as ontologias da modernidade (Da Silva, 2018), projetos que buscam integrar a crítica pós-colonial a teorias sistêmicas (Dutra, 2020, 2021), análises sobre a temporalidade da modernidade que incorporam a crítica pós-colonial de modo seletivo (Tavolaro, 2021), debates ontológicos que buscam analisar o efeito disruptivo do Sul global sobre o repertório teórico contemporâneo (Rosa, 2022) e modelos que pensam como diferenças e desigualdades são articuladas de modo contingente e não essencializado (Costa, 2019). Finalmente, mesmo intérpretes críticos ao decolonialismo incorporam de algum modo o questionamento ao Eurocentrismo em seus projetos de reconstrução da teoria crítica (Domingues, 2009, 2011). Cada uma dessas iniciativas lida com o repertório clássico de determinado modo, e parece-me impossível argumentar que todas convergem para um projeto comum de formação de um cânone alternativo.

Resta, portanto, a questão da “unidimensionalidade histórica”, etapa importante do argumento de Sell. No fundo, essa questão relaciona-se com um debate maior (e mais interessante, na verdade), que diz respeito ao lugar que o subcampo da história da sociologia deve ocupar em relação à sociologia geral e à discussão teórica propriamente dita.

Segundo Sell, as críticas aos clássicos convergiriam para um projeto, este marcado por uma subordinação da discussão epistêmica a juízos morais e políticos. Ou seja, Sell argumenta que, no afã de “provincializar” e “descentralizar” o “cânone”, o “partido crítico” terminaria por construir uma narrativa pela qual conceitos, autores e teorias teriam sua validade aferida a partir da sua maior ou menor adequação a uma história binária e essencializada.

Considero essa visão excessivamente reducionista, incapaz de dar conta da diversidade de formas pelas quais a crítica ao Eurocentrismo produziu seus efeitos sobre a história da disciplina.

Tomemos, como exemplo, o projeto intelectual de George Steinmetz (um dos autores citados por Sell), que procura reler a história da sociologia em três países centrais (França, Estados Unidos e Alemanha) à luz das suas experiências imperiais (Steinmetz, 2013). Em seu mais recente estudo sobre a chamada sociologia colonial francesa, Steinmetz analisa os itinerários profissionais e os textos de nomes como George Balandier, Pierre Bourdieu, Raymond Aron, dentre outros sociólogos, para evidenciar como as suas experiências em contextos coloniais constituem variável fundamental para desvendar a natureza de suas produções intelectuais (Steinmetz, 2023). A julgar pelo diagnóstico traçado por Sell, seria de se esperar que esse projeto resultasse na “denúncia” de tais intelectuais e ao seu “descarte”. Porém, Steinmetz rejeita explicitamente a hipótese de que a constatação dos nexos entre ciência social e colonialismo na França autorizaria o intérprete a deduzir qualquer forma de homogeneidade teórica, ressaltando a diversidade de interpretações que esses agentes produziram a respeito do colonialismo. Mais do que um “ataque aos clássicos”, seu projeto pode ser lido como uma reconstrução da história da sociologia europeia – que continua sendo contada, valorizada e lida – à luz de uma experiência histórica fundamental.

Outros projetos não Eurocêntricos de história da sociologia produzem resultados também distantes de qualquer homogeneidade paradigmática. Por exemplo, as pesquisas de Stéphane Dufoix sobre sociologias não hegemônicas têm como base uma investigação histórica dos processos de circulação e adaptação de conceitos sociológicos em contextos não centrais, como, por exemplo, o leste da Ásia (particularmente China e Japão) (Dufoix, 2022, 2018). Em seus textos, Dufoix emprega uma abordagem transnacional que questiona o difusionismo e evidencia o enraizamento histórico da sociologia em países e regiões distantes da Europa. Seu objetivo não é substituir uma narrativa eurocêntrica por uma história unidimensional pautada por critérios geopolíticos e/ou marcadores raciais/sexuais, mas sim demonstrar as conexões que forjaram espaços intelectuais transnacionais nos quais debates sobre desenvolvimento e autonomia floresceram. Nas suas próprias palavras:

[...] o principal objetivo é a tentativa de reescrever a história da disciplina não a partir de suas margens – o que a tornaria uma forma de história negativa ou alternativa – mas incluindo o que os historiadores de hoje – e há muito tempo – têm visto como suas margens. Fazer com

que elas entrem novamente na história não implica necessariamente dar predominância aos sociólogos não ocidentais; mas implica avaliar a real importância das sociologias desenvolvidas fora do mundo ocidental no último século e meio (Dufoix, 2018, p. 50).

Em meus próprios textos, sigo objetivo similar, tendo como norte a reconstrução de contextos históricos transnacionais mais amplos que nos ajudem a identificar horizontes intelectuais comuns entre tradições sociológicas que teimamos em analisar isoladamente, como se pode ver no debate sobre desenvolvimento e autonomia que floresceu em regiões do chamado Terceiro Mundo entre as décadas de 1960 e 1970 (Maia, 2024, 2014). Esses horizontes baseavam-se na circulação global de repertórios teóricos periféricos por meio de instituições como a Cepal e a própria Unesco, configurando um capítulo importante da história da sociologia que nos permite repensar hoje o sentido de conceitos fundamentais para a disciplina.

Ou seja, considero que a investigação de agentes intelectuais tidos como periféricos não tem por finalidade última ou exclusiva fazer justiça epistêmica – embora eu creia que tal dimensão seja importante –, mas sim produzir um chão histórico compartilhado que permita ao debate teórico se fortalecer sobre bases que sejam ao mesmo tempo mais plurais e consistentes. Exatamente o projeto desejado por Sell.

Esses exemplos, oriundos especificamente do subcampo da história da sociologia, mostram que a hipótese de uma “história unidimensional” não se sustenta, e que o cenário é mais aberto e conflituoso do que Sell dá a entender. Finalmente, considero que minha discordância se relaciona também com o modo como devemos conceber o lugar da história da sociologia em relação à sociologia geral ou ao debate teórico propriamente dito, o que me leva ao ponto final de Sell, a respeito da sua proposta de sociologia sistemática.

Sell assim define tal projeto: “Uma sistemática sociológica aberta à pluralidade deverá ser capaz de identificar um núcleo de problemas centrais da sociologia, e a partir deles, apresentar uma diversidade de soluções disponíveis” (Sell, 2025, p.18). Após passar brevemente em revista as propostas de Jonhatan Turner e Hartmut Esser, Sell argumenta “[...] ser possível chegar a um conjunto amplo de temas/problemas-chave de uma sistemática sociológica que podem ser apresentados de forma plural, ou seja, a partir da apresentação das principais visões, paradigmas ou teorias que existem em sociologia sobre eles” (p.18). Finalmente, Sell argumenta

que tal sistemática permitiria incorporar a questão da colonialidade e dos marcadores raciais, desde que integrados a um campo relativamente coeso de problemas e temas comuns.

Não tenho significativas discordâncias com tais afirmações, mas creio que o caminho escolhido por Sell para atingir tais objetivos é limitado e deriva de uma concepção muito simplista do papel jogado pelas hipóteses e pesquisas geradas no subcampo da história da sociologia. Sell argumenta que tal projeto não pode ser atingido caso a orientação teórica seja subsumida à História. Com isso, parece querer dizer que qualquer projeto de sistematização teórica bem-sucedida deve ter como bússola a identificação de núcleos comuns de problemas a partir dos juízos críticos contemporâneos, o que evitaria a subordinação da teoria ao historicismo.

Entretanto, entendo que tal projeto só pode ser alcançado de forma efetivamente plural com o desenvolvimento de uma robusta consciência histórica sobre a disciplina, orientada por um interesse teórico contemporâneo – a reflexividade em torno dos repertórios conceituais e das formas de escrita e pesquisa empregadas na sociologia contemporânea – e por uma prática investigativa específica – a identificação e a análise das conexões transnacionais pretéritas que moldaram a circulação de vocabulários sociológicos.¹

Sustento que essa consciência histórica ganha significado especial para pesquisadores engajados na crítica ao Eurocentrismo porque parte relevante do debate teórico atual incorpora de forma naturalizada e pré-reflexiva uma visão sobre a história da disciplina que reproduz vieses já muito documentados. Essa visão apresenta as sucessivas inovações no campo da teoria a partir de uma reconstrução seletiva da história disciplinar, privilegiando autores e tradições intelectuais geralmente restritos ao eixo euroamericano e dando a entender que os conceitos e os repertórios teóricos que temos hoje seriam apenas expressões dos “melhores argumentos” que foram vencendo o teste do tempo (*cf.* Maia, 2024 para um exemplo de como esse procedimento se dá em relação ao conceito de autonomia).

Há alguns problemas com essa narrativa. Em primeiro lugar, como mostra o subcampo da história da sociologia, a construção de autores como “clássicos” esteve longe de ser um processo linear e evolutivo presidido unicamente

¹ Ressalte-se que não há nada de original nem intrinsecamente pós-colonial na defesa de uma reflexividade ancorada numa prática de pesquisa historiográfica, ideia partilhada por nomes importantes do subcampo da história da sociologia, todos completamente insuspeitos de qualquer “ataque aos clássicos” (*cf.* Camic, 2014; Dayé, 2018)).

por uma lógica científica despida de critérios “político-normativos”, como o caso da complexa conversão de Weber em um teórico da neutralidade científica nos Estados Unidos exemplifica perfeitamente (Turner & Factor, 2014). A construção global da *classicalidade* de alguns autores, por sua vez, foi um processo que dependeu fortemente de um mercado de traduções, um tipo de atividade intelectual condicionado por dinâmicas variadas de poder linguístico, econômico e cultural (Heilbron & Sapiro, 2008; Sorá & Dujovne, 2018). Além disso, obras hoje lidas como “clássicas” nem mesmo foram escritas pelos seus autores, sendo resultado de múltiplas mediações que permitiram a sua estabilização textual (cf. Huebner, 2019, para o conhecido caso de George Mead). Intelectuais tidos como periféricos foram fundamentais para a construção de conceitos e tradições disciplinares tidas como “nacionais” ou “europeias” (cf. Pérez, 2023, para o caso de Bourdieu e Merkel, 2022, para as ciências sociais francesas no pós-Segunda Guerra). Finalmente, vale ressaltar que pensadores outrora tidos como “ultrapassados” eventualmente se tornam totens na batalha disciplinar atual (cf. Consolim, 2008, para o caso de Gabriel Tarde), enquanto pensadores que em algum momento eram prestigiosos hoje jazem no esquecimento (cf. McLaughlin, 1998 para o interessante caso de Erich Fromm).

Demonstrar que fatores “extra-científicos” moldaram a nossa “memória disciplinar” não implica necessariamente adotar uma história unidimensional que erige como único critério a adesão a uma suposta ortodoxia pós-colonial, mas tão somente aplicar hipóteses já consagradas da sociologia da ciência e do conhecimento ao modo como concebemos a disciplina, evitando reificar o seu estado presente. Do mesmo modo, adotar uma consciência histórica não eurocêntrica não significa dizer que todo e qualquer autor ou teoria esquecido ou apagado por dinâmicas de poder seja dotado de valor intrínseco para teorização contemporânea, pois o trabalho de reconstrução histórica não necessariamente culmina na eleição de novos vencedores, mas sim em uma crítica a narrativas seletivas, parciais e pré-reflexivas que ainda estruturam nosso fazer científico.

Em termos de ensino de graduação, argumento que uma história não eurocêntrica da sociologia deve nos levar também a repensar o modo como apresentamos a disciplina aos jovens estudantes. Em texto recente, identifiquei três estratégias pedagógicas possíveis: a) um descentramento do cânone, com a apresentação de hipóteses teóricas que permitam questionar

o conhecimento eurocêntrico produzido pelos autores clássicos, nos moldes sugeridos por Alatas e Sinha em seu texto sobre suas experiências em Cingapura (Alatas & Sinha, 2001); b) a apresentação de narrativas entrelaçadas da história disciplinar, questionando a estabilidade das “tradições nacionais” (por exemplo, demonstrando os nexos latino-americanos de parte da produção sociológica brasileira); c) uma historicização da formação do dito “cânone clássico”, aprimorando a sensibilidade dos discentes para os processos institucionais, políticos e intelectuais que forjaram a disciplina (Maia, 2023, p.16-17). Nenhuma dessas estratégias implica um simples descarte dos autores tidos como clássicos e sua substituição por um novo cânone supostamente pós-colonial. Com relação à estratégia “a”, em tese a mais radical delas, afirmo: “Esta tática nos permite manter um grupo central de pensadores enquanto questionamos as leituras hegemônicas sobre eles apresentando perspectivas alternativas sobre suas ideias.” (Maia, 2023, p.16).

Ao fim e ao cabo, o resultado prático dessa operação teórica e pedagógica não é a unidimensionalidade, mas sim a construção de evidências históricas que são peças fundamentais para uma sociologia verdadeiramente global e para uma nova sistemática que “reconheça a diversidade do social”. Esse projeto, tão caro a Sell, só tem condições de ser alcançado caso consigamos lidar de forma crítica com nossa herança disciplinar, esta sim, em muitos casos, produzida com base na homogeneização teórica.

Referências

- Alatas, Syed Farid. (2022). Knowledge hegemonies and autonomous knowledge. *Third World Quarterly*, 1-18.
- Alatas, Syed Farid; Sinha, Vineeta. (2001). Teaching classical sociological theory in Singapore: The context of Eurocentrism. *Teaching Sociology*, 29(3), 316-331.
- Ballestrin, Luciana. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (11), 89-117. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- Bernardino-Costa, Joaze, & Grosfoguel, Ramon. (2016). Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, 31(1), 15-24. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>
- Bhambra, Gurminder K. (2014). *Connected sociologies*. Bloomsbury.
- Brasil Jr, Antonio, & Carvalho, Lucas. (2020). Por dentro das ciências humanas: um mapeamento semântico da área via base SciELO-Brasil (2002-2019). *Revista de Humanidades Digitales*, 5, 149-183. <https://doi.org/10.5944/rhd.vol.5.2020.27627>
- Caillé, Alain, & Vandenberghe, Frédéric. (2021). *Por uma nova sociologia clássica: re-unindo teoria social, filosofia moral e os studies*. Editora Vozes.
- Camic, Charles. (2014). Periphery toward center and back: Scholarship on the history of sociology 1945-2012, In: R. E. Backhouse, & P. Fontaine. *A Historiography of the Modern Social Sciences*. (99-143). Cambridge University Press.
- Campos, Luis Augusto, & Szwako, José. (2020). Biblioteca Bourdieusiana ou como as ciências sociais brasileiras vêm se apropriando de Pierre Bourdieu (1999-2018). *BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (91), 1-25.
- Consolim, Márcia. (2008). Gabriel Tarde e as ciências sociais francesas: afinidades eletivas. *Mana*, 14, 269-298. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200001>
- Connell, Raewyn. (2007). *Southern Theory: the global dynamics of knowledge production in the social sciences*. Polity Press.
- Costa, Sérgio. (2019). Desigualdade, diferença, articulação. *Cadernos CRH*, 32(85), 33-45. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.27771>
- Da Silva, Denise Ferreira. (2018). Hacking the subject: Black feminism and refusal beyond the limits of critique. *PhiloSOPHIA*, 8(1), 19-41.

- Dayé, Christian. (2018). A systematic view on the use of history for current debates in Sociology, and on the potential and problems of a historical epistemology of society. *American Sociologist*, 49, 520-547. <https://doi.org/10.1007/s12108-018-9385-1>
- Domingues, José Maurício. (2011), *Teoria crítica e (semi)periferia*. Editora UFMG.
- Domingues, Jose Maurício. (2009). Global Modernization, `coloniality' and a critical sociology for contemporary Latin America. *Theory Culture & Society*, 26(1), 112-133.
- Dufoix, Stéphane. (2022). A larger grain of sense. Making early non-Western sociological thought visible. *Sociedade e Estado*, 37(3), 861-884. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237030005>
- Dufoix, Stéphane. (2018). Coming to terms with Western social science: Three Historical Lessons from Asia. *Journal of Global Studies*, (5), 49-71. <https://core.ac.uk/download/pdf/230556977.pdf>
- Dutra, Roberto (2021). Por uma Sociologia sistêmica pós-colonial da América Latina. *Dados*, 64 (1), 1-35, e20190153. <https://doi.org/10.1590/dados.2021.64.1.229>
- Dutra, Roberto. (2020). Por uma sociologia sistêmica pós-colonial das diferenças no interior da sociedade mundial moderna. *Sociedade e Estado*, 35(01), 259–285. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010011>
- Go, Julian. (2016). Globalizing sociology, turning South. Perspectival realism and the Southern standpoint. *Sociologica*, (2). <https://www.rivisteweb.it/doi/10.2383/85279>
- Go, Julian. (2013). For a postcolonial sociology. *Theory and Society*, 42, 25-55. <https://doi.org/10.1007/s11186-012-9184-6>
- Hamlin, Cynthia L., Weiss, Raquel A., & Brito, Simone M. (2022). Por uma sociologia polifônica: introduzindo vozes femininas no cânone sociológico. *Sociologias*, 24(61), 26-59. <https://doi.org/10.1590/18070337-125407-PT>
- Heilbron, Johan, & Sapiro, Gisèle. (2008). Outline for a sociology of translation: Current issues and future prospects. In: M. Wolf & A. Fukari (eds.). *Constructing a sociology of translation* (93-107). John Benjamins.
- Huebner, Daniel R. (2019). *Becoming Mead: The social process of academic knowledge*. University of Chicago Press.
- Korom, Philipp. (2020). The prestige elite in Sociology: Toward a collective biography of the most cited scholars (1970-2010). *The Sociological Quarterly*, 61(1), 128-163. <https://doi.org/10.1080/00380253.2019.1581037>

- Maia, João Marcelo E. (2024). Searching for common grounds in world sociology: an historiographical perspective from the Global South. In É. Macé (org). *An Invitation to Non-Hegemonic World Sociology* (127-141). Rowman & Littlefield.
- Maia, João Marcelo E. (2023). Ensinando a partir do Sul: novos diálogos entre a história da sociologia e a teoria sociológica. *Revista Brasileira de Sociologia*, 11(27), 5-22. <https://doi.org/10.20336/rbs.916>
- Maia, João Marcelo E. (2017a) História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 24(1), 111-128. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000100003>
- Maia, João Marcelo E. (2017b). Muito além do cânone: como introduzir a Sociologia na graduação em Ciências Sociais. In: H. Bomeny & C. B. Martins. (orgs.), *Ensino de Sociologia na graduação: perspectivas e desafios*. Vol. 1. (129-144). Anablume.
- Maia, João Marcelo E. (2014). History of sociology and the quest for intellectual autonomy in the Global South: the cases of Alberto Guerreiro Ramos and Syed Hussein Alatas. *Current Sociology*, 62(7), 1097-1115. <https://doi.org/10.1177/0011392114534422>
- McLaughlin, Neil. (1998). How to become a forgotten intellectual: Intellectual movements and the rise and fall of Erich Fromm. *Sociological Forum*, 13(2), 215-246.
- Melcher, Cody R. (2024). Black Lives Matter and the Changing Sociological Canon: An Analysis of Syllabi from 2012 to 2023. *Teaching Sociology*, 52(4), 377-384.
- Merkel, Ian. (2022). *Terms of exchange: Brazilian Intellectuals and the French Social Sciences*. University of Chicago Press.
- Pérez, Amín. (2023). The reinvention of sociology. Into the trenches of fieldwork at the time of the Algerian Liberation War. In: D. Fassin & G. Steinmetz (orgs). *The social sciences in the looking glass: studies in the production of knowledge*. (147-171). Duke University Press.
- Rosa, Marcelo C. (2022). Por uma ética da ontoformatividade: reflexões e proposições sobre a relação ontológica entre teoria e pesquisa na sociologia contemporânea do Sul Global. *Sociedade e Estado*, 37(3), 885-906. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237030006>
- Rosa, Marcelo C. (2014). Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences. *Current Sociology*, 62(6), 851-867. <https://doi.org/10.1177/0011392114522171>

- Sell, Carlos Eduardo. (2025). A Destruição dos clássicos da sociologia: democratização ou homogeneização? *Revista Brasileira de Sociologia-RBS*, 13, e-rbs.1057. <https://doi.org/10.20336/rbs.1057>
- Steinmetz, George. (2023). *The colonial origins of modern social thought. French sociology and the overseas empire*. Princeton University Press.
- Steinmetz, George (ed.) (2013). *Sociology & Empire: The Imperial Entanglements of a Discipline*. Durham and London: Duke University Press.
- Sorá, Gustavo, & Dujovne, Alejandro. (2018). Translating Western social and human sciences in Argentina: A comparative study of translations from French, English, German, Italian and Portuguese. In: J. Heilbron, G. Sorá, & T. Boncourt. *The social and human sciences in global power relations* (267-293). Palgrave MacMillan.
- Tavolaro, Sergio B. de F. (2021). Interpretações do Brasil e a temporalidade moderna: do sentimento de descompasso à crítica epistemológica. *Sociedade e Estado*, 36(3), 1059-1082. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136030010>
- Turner, Stephen, & Factor, Regis A. (2014). *Max Weber and the dispute over reason and value*. Routledge.

Recebido: 4 jul. 2025.

Aceito: 31 jul. 2025.



Licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)